

*Semanario illustrado
de Sciencias, Letras e Artes*

Proprietário e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Segunda-feira
 24 DE FEVEREIRO DE 1908

Condições d'assignatura
 (Pagamento adeantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincia..... 300
 Colonias..... 400
 Brazil (moeda forte)..... 900

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 REIS

Tiragem 6:000 exemplares.

OS NOSSOS
 Henrique Lopes de Mendonça



De entre as peças que nos deu,
 Apenas cito: O Amor Louco,
 Alfenim, Duque de Vizeu,
 Pois uma quintilha é pouco
 Para o muito valor seu.



GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

ARMAZEM DE MUSICA E INSTRUMENTOS
DE
Joaquim José d'Almeida
Rua José Antonio Serrano, 34 — LISBOA
(Antiga C. do Collegio)
Vendas d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensaes.

PIANOS
A. NASCIMENTO
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e encordações para pianos e harpas, etc., etc.
TRABALHOS GARANTIDOS
Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)
LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clínica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA + + + +
MEDICO CIRURGIÃO
R. S. Vicente á Guía, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso.
Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D.Lisboa.

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receptuario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 réis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASE DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes
GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

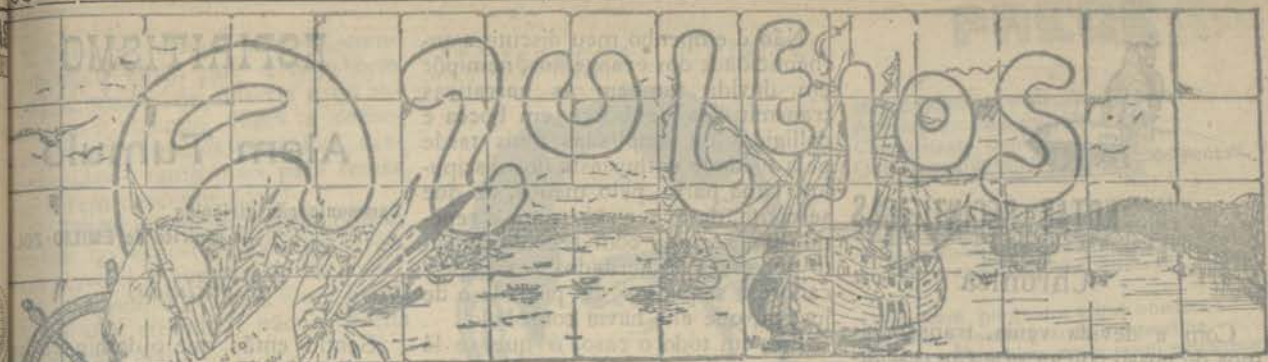


D O BICYCLETAS INGLEZAS
VERDADES A PRESTAÇÕES



CASA VELO-PORTUGAL
J. COSTA BRAGA - 21 RUA MARIA 22 LISBOA
BICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS BAIXISSIMOS
REPARAÇÃO E CEGALHADO
SUCCESSIONAL DE FRODO CALHEIRO - PRAÇA PRINCIPAL D'ALBUQUERQUE - CATIFO (CRANES)

A NOSSA MANEIRA DE ANUNCIAR
A bicycleta ingleza, de 1.º ordem que se denomina de
"VELO-PORTUGAL"
vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e tornou-se de forma tal que é hoje o modelo geral adoptado, sendo copiada tanto quanto se vel.
Não ha cyclista que o ignore.
Ninguém imita artigos sem reputação.
O mesmo succede com as machinas. E de que fomos introductor em Lisboa e que se sabe, tem centenaes d'imitadores.
Quem visitar a Exposição «**VELO-PORTUGAL**» ficará verdadeiramente surprehendido.
Solicita-se com cordeal empenho uma bicycleta a simples titulo de curiosidade ou de instrumento sportivo; convida-se a vêr mesmo as bicycletas que não necessitem qualquer artigo de reparação.
Não se constrange ninguém a comprar unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.
Na casa «**VELO-PORTUGAL**» ha ordem, simplicidade e decente processo commercial, por dentro da nossa modestia, soubemos guardar o nome do nosso estabelecimento.
Nunca annunciámos milagres, nem pedimos rogamós privilegios inimitaveis. O nosso modo é simplesmente:
Bicycletas das mais modestas de maior luzo por preços razoaveis
Temos a maxima possibilidade de fazer bicycletas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das bicycletas muito especies em que a nossa casa montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prazo, pagamento e em grandes quantidades.
Em qualidade e em preços fazemos quanto com seriedade se pôde garantir, merecer confiança e sermos honrados e de preferência do publico.
Ha pessoas que, não vendo réclamos e thafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende de mais caro. Temos bicycletas para todos os gostos do mercado, unicamente não sabemos montar o systema de pretender suggerir que somos n'isso favor ao publico, ou temos alguma der sobrenatural.
Vendemos por menos o que as fabricas costumam fornecer por menos, e nada mais.



Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal — R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
24 DE FEVEREIRO DE 1908

NUMERO AVULSO 20 REIS

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincia..... 300
Colonias..... 400
Brazil (moeda forte)..... 900

Tiragem 6:000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS

Pelo Carnaval de mil oitocentos e tantos, não me lembro agora ao certo, fui convidado para uma *soirée* em casa d'um dos meus intimos amigos.

Fazia vinte e um annos a filha mais velha, e o pae queria festejar a data com uma certa solemnidade.

Prometti que não faltava e fui; mas como o anniversario n'aquelle anno se passava em pleno entrudo, tinha feito a recommendação que não me fariam partida alguma, pois dava um grandissimo cavaco com as brinadeiras. Deram-me a sua palavra e, confiado n'ella, encasaquei-me e dispuz-me a passar a noite em alegre convivio.

Dançou-se muito, cantou-se, representou-se uma graciosa comedia n'um acto, magistralmente desempenhada por tres cavalheiros e duas senhoras, que colheram fartos e merecidos applausos pela feliz interpretação que haviam dado aos seus papeis e, pouco depois da meia noite, começou a ceia que era deliciosa.

Não se havia feito cousa alguma que nos recordasse a epoca de loucura que atravessavamos n'aquelle momento; a promessa que me ha-

viam feito era rigorosamente cumprida.

A meio da ceia a conversação que fora bastante animada desde o principio, generalisára-se e reinava a mais ruidosa das alegrias. Trocavam-se phrases engraçadas, ditos chistosos e começavam a contar-se peripecias que se haviam dado em outras casas por occasião do Carnaval.

A dona da casa, uma senhora que mais parecia irmã do que mãe da menina que completava n'aquelle dia as 21 primaveras, olhando para mim e sorrindo exclamou:

— Não falem em Carnaval. O sr. João Pacifico obrigou meu marido a dar a sua palavra de honra de que não se fallaria aqui no Santo Entrudo, sob pena de não nos dar o prazer da sua companhia esta noite.

— Nem tanto, minha senhora. Pedi apenas que me poupassem a alguma judiaria, porque na verdade, não são nada do meu agrado as taes brinadeiras d'entrudo.

— E porque, sr Pacifico, disse uma das senhoras que estava ao meu lado. Que mal faz uma brincadeira, sendo innocente e não prejudicando?

— Mal, não faz, minha senhora, mas não gosto. E' talvez uma esquisite minha, não digo que não, mas repito, não gosto.

— Pois ha de fazer-se-lhe uma partida, pequenina, só para não se gabar...

— O' minha senhora, não faça tal peço lhe.

— Ficava mal comigo?

— Mal não direi, mas deixava de fallar-lhe até á Paschoa.

— Se o castigo é só esse, prefiro fazer-lhe a partida.

Levantei-me um pouco despeitado e um tanto carrancudo.

O dono da casa olhou para mim e disse-me com toda a seriedade.

— O' Pacifico, olha que estás a dar sorte. Senta-te e está quieto, não te fazes partida nenhuma, affianço-te.

— Eu tenho a tua palavra, repliquei e sempre te considerei como um homem incapaz de faltar a ella.

— E fazes-me inteira justiça.

Dispuz-me a sentar-me novamente e não sei porque, desconfiei do risinho disfarçado da senhora que me dissera que desejava muito ver-me encavacado com alguma brincadeira.

Sentei-me porem, porque realmente não via o menor indicio que confirmasse a minha desconfiança.

Continuámos conversando, mas pouco depois senti no nariz um prurido bastante desagradavel e tirei o lenço da algeibeira engolindo á pressa o resto d'um bollo, porque ia espirrar.

Não me enganei; mas o espirro foi terrivel e acompanhado por sonora gargalhada da tal senhora que exclamava.

— Então, sr. Pacifico, o que é isso? Está endefluxado?

— Não sei, minha senhora, parece que sim. E espirrei novamente com mais força e sem poder conter terceiro e quarto espirro.

De todos os lados da sala de jantar haviam começado os espirros, mas todos riam, riam, riam e, quando aos espirros se juntaram outras manifestações mais aterradoras de que eu havia sido uma das primeiras victimas, convenci-me de que tinham conseguido, não sei como, consummar o attentado.

Levantei-me furioso, quiz sair, mas o tiroteio não cessava; dir-se-ia que na atmospheria d'aquelle sala pairava medonha tempestade e fiquei aniquilado.

Nunca mais sahi de casa nos dias de Carnaval.

JOÃO PACIFICO.



NOTAS SECINTIFICAS

Chronica

Com a devida venia, transcrevemos do nosso colega «*Le Correspondant Médical*», o excellent artigo que segue:

O Christo que cura

«Religioso ou não, mesmo não admittindo em caso algum o sobrenatural, nunca o homem devia proferir sem uma suprema deferencia o nome de Jesus. Ninguém melhor do que elle fez progredir a questão social nem luctou com maior zelo contra a força brutal, compressiva e odienta, no intuito de quebrar as algemas e acabar com a escravidão dos pequenos e humildes. Ninguém amou tanto os homens, e ninguém foi tão profundamente amado por elles. N'elle se encontra condensado tudo quanto de elevado e de bom existe na natureza humana. Por isso, em razão da sua enorme independencia e do bem realiado, ninguém deve admirar-se de que elle tenha sido até certo ponto proclamado precursor e chefe, o mais benemerito dos emancipadores, o mais sublime dos reformadores, o mais justo entre os mais justos.

A despeito dos ingratos e dos blasphemadores, o Christo pode muito bem sustentar a comparação com Danton, Marat e Robespierre, como demolidor de erros e préjuizos, como partidario da liberdade, igualdade e fraternidade.

O seu perfeito idealismo é a mais alta regra da vida desinteressada e virtuosa. Nunca ninguém tanto como elle fez predominar o interesse do homem sobre a mesquinhez e baixaza do egoismo. Mesmo para nós, os médicos, é um nobre guia: a sua bondade para com os doentes, a sua piedade para com aquelles que sofriam, a sua simplicidade, a sua misericórdia, os seus gestos e ademanes, o encanto da sua palavra, que attrahia e retinha as multidões, tudo nos pode servir de exemplo. Impossível seria, porém, pedir tamanha abnegação ao maior numero. Era gratuitamente que elle tratava e curava, e segundo contam os que nos iniciaram n'esse passado longiuo, os doentes accudiam de toda a parte para junto d'esse therapeuta habilissimo, cuja vista só de per si inspirava confiança, sem que tivesse a temer o veto de qualquer syndicato invejoso, por exercicio illegal da medicina.

Não é empenho meu discutir a authenticidade dos evangelhos, nem pôr em duvida tambem as narrativas transmitidas de bocca em bocca e colligidas ou ampliadas mais tarde pela piedade entusiasta dos discipulos. Uma parte, pelo menos, do que se conta, devia ter sido visto e repetido em seguida com reconhecimento por esses desherdados e esses pescadores, sequiosos de piedade e de justiça, que elle havia consolado.

Eis, em todo o caso, o que se lê no evangelho segundo São Matheus: «E Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas suas synagogas e pregando a vinda do reino de Deus, curando toda a debilidade e enfermidade entre a gente do povo. E a sua fama estendeu-se a toda a Syria, e apresentavam-lhe todos os doentes atacados de enfermidades e soffrimentos diversos e os possessos do demonio, os lunaticos e os paralyticos, e elle a todos curava».

Os livros santos insistem mais particularmente sobre a cura instantanea do leproso, sobre a do servo do centurião, de um hydropico, do paralytico que pôde recolher a casa levando consigo o leito, do homem mudo, possesso do demonio, do filho de Regulo, da sogra de Pedro, que estava de cama atormentada pela febre, de numerosos cegos, entre outros o de Bethsaida, do homem da mão sêcca, a qual elle tornou tão sã como a outra, no proprio dia do sabbado, com grande escandalo dos phariseus.

«Sobre a terra de Genesareth, os homens d'este logar, ao reconhecê-lo, mandaram áquelle ponto todos os doentes, e apresentaram-lhos. E elles pediam-lhe que lhes deixasse tocar tão somente a orla da sua túnica, e quantos o tocaram voltaram á saude». (*Id.*, São Matheus).

Lê-se no Evangelho de São Marcos: «Como curava a muitos, todos quantos tinham qualquer mal se lançavam sobre elle para o tocar».

O possesso de Gerastu, cujos espiritos immundos passaram para o corpo de dois mil porcos, foi do numero dos favorecidos.

A ressurreição da filha de Jairo, que tinha doze annos de idade, encheu de pasmo e assombro os assistentes. O mesmo succedeu por occasião da ressurreição do filho da viuva de Naim, contada por São Lucas, e da de Lazaro, de Bethania, que se lê no evangelho segundo São João.

(*Continúa*).

DR. GRELLETY (*de Vichy*).

Pensamentos

Não desprezes as pequenas coisas; muitas feveras de palha suspendem um elephante.

A vida do homem na terra parece uma viagem feita no decurso d'uma noite.

A verdade é a flor da sciencia.

ESPIRITISMO

Alem Tumulo

Comunicação attribuida
ao espirito de EMILIO ZOLA

(*Conclusão*)

Sentiu então que o dominava um desejo vehemente e irresistivel... a Terra... queria tornar a vê-la... voltar a contemplá-la!...

E, n'esse momento, com rapidez superior á intensidade daquelle desejo, desapareçeram como por encanto, horisontes luminosos e irisados, montanhas do espaço, florestas arborescentes; numa palavra, esse mundo novo que consubstanciava todos os esplendores dos oceanos e todas as maravilhas dos vales; tudo, tudo quanto se oferecera ao extasiado olhar do escritor, desfez-se como as sombras da noite ao rajar do novo dia e... a Terra a trasbordar de Miséria, de Vicio e de Sofrimento, surgiu soberba e triste dos abismos do Astral.

Mas, este velho mundo que habitára, reservava-lhe agora uma grande surpresa.

Nos charcos e lamas das estradas onde os miseraveis e os vagabundos enterram os pés nus e gretados; nas entranhas da terra onde o mineiro arranca ao sólo o pedaço de metal que hade servir mais tarde de ornamento superfluo ao rico ou de pão negro ao proletario; no prostibulo onde a mulher se vende para calar a voz do estomago; em torno desta enorme legião de párias, envolvendo-os como uma nuvem, cercando-os como uma cinta gigantésca d'aço que aperta até esmagar, Zola distingue um outro mundo, invisível aos mortaes, mas visível para elle: é uma cohorte imensa de Espiritos renegados e maus, injuriando-se mutuamente, cuspiendo odio amassado com febre em frases venenosas e tórpes, degenerados na Vida e na Morte, que vivam constantemente aos ouvidos dos vagabundos que morrem de frio, das desgraçadas que entisicam nos bordéis, de todos os grandes miseraveis.

«Para que te canças? Para que trabalhas?... bebe... bebe acicar!»

«Estás farto da mulher com quem vives?... Estupido! Porque esperas? Estrangula-a!»

«E tu lá... mineiro vil... curvas do sempre... levanta a cabeça e revolta te!»

«E tu... mulher... esposa do bordel, filha da gangrêna, irmã da podridão... afoga em champagne a gargalhada cinica do vicio, bebe... bebe... que a vida são dois dias e amanhã estarás velha, desdentada e corroida!»

E Zola, horrorizado e triste, comprehendeu então que o vício nem sempre resulta da miséria e do sofrimento; algumas vezes é consequência d'influências estranhas, desconhecidas e tanto mais para temer por serem desconhecidas!

E, nêsse momento supremo, surgiu-lhe no espirito, mais uma vez, esse terrível e angustiôso dilema:

A vida sobre a Terra é um bem?

E a vida eterna... não será ella um grande mal?



O Crime

"Dellard"

GORON

(Continuação)

V

Calculo como estaria a minha pela *carêta* de espanto e desalento que fazia Mr. Poncet! Estávamos perfeitamente vêrdes; eu principalmente, que, convencido da culpabilidade do official, havia precipitado os acontecimentos, porque, falêmos francamente, se Anastay fosse reconhecido inocente, quem respondia *personalmente* pela sua prisão, *era eu*.

— «Parece-me que a coisa vaee torta», exclamou o juiz, ora aqui está um *alibi* pelo qual ninguém esperava».

A mim, contrariamente á opinião de Mr. Poncet, a culpabilidade de Anastay, apparecia-me clara, nitida e precisa: não havia no meu espirito a menor sombra de duvida a tal respeito.

Mentalmente puz-me a passar revista a todos os acontecimentos e argumentos que me fixaram a triste convicção:

A faca comprada em Lyon.

O casacão com riscas em diagonal.

O facto de Anastay ter sido reconhecido por M... e por Lina Berl...

Tudo isto era muito, o que, porem, me arreigou mais profundamente no cerebro a certeza da culpabilidade daquêlle homem, foi a sua attitude estranha, a docilidade quasi infantil com que elle, um official do exercito francès, consentiu que lhe rapassem a barba. Nem um protesto, uma queixa, um movimento de revolta sequer, quando lhe fiz tão extraordinário pedido. Decididamente, um homem que veste honrada e honestamente uma farda não possui tamanha abnegação. Convenci-me pois que Anastay era culpado.

Nem todos eram perfeitamente da minha opinião: Jaume, o agente perspicaz que tinha acompanhado este inquerito e que tinha ouvido o depoimento de M.^{me} L..., contorcera-se todo, tinha uma cara de palmo meio, desviava do meu o seu olhar.

Olhava em redor de mim e lia nos róstos dos que me cercavam esta frase que, tenho a certeza, lhes brincava no pensamento.

— «Estê homem sempre nos meteu numa *alhada*!...

Eu porem não duvidava porque sabia perfeitamente o pouco valor que se deve dar

Mascaras illustres



Cyriaco Cardoso

aos depoimentos no que diz respeito a *horas*. Nem era mêsmo a primeira vez que taes differenças me embaraçaram a instrução.

— «Esperem um pouco», exclamei, e corri para o acanhado gabinete em que Anastay jantára e onde se encontrava guardado, á vista, por dois agentes,

VI

A' porta, do lado de fóra já se vê, encontrrei um grupo dêsses animaezinhos fastidiosos que constituem para mim praga peor que as do Egipto e que dãopelo nome de *reporters*. Cercaram-me; eu estaquei!

Recomendára segrêdo absoluto a respeito do que se passára no boulevard do Templo, mas julgo que alguma coisa transpirou das scenas acima descritas, porquanto fui literalmente crivado de perguntas

— «Houve, consta-nos, um prisão importante e parece impossível' que a policia *«nol-a oculte!*»

— «A imprensa tem o direito de sabêr tudo! Diga-nos o nôme do prêso?»

— «O publico tem o direito de sabêr quem *«o assassina!*»

E n'êste tom seguia a melodia jornalística, orquestrada com todos os adjectivos que lhes vinham á lembrança.

— «Pelo amor de Deus, meus sr. respondi com impaciencia, *«juro-lhes que não ha coisa alguma certa, definitiva», e acrescentei logo, afim de me esquivar ás torturas dêsses demonios da reportagem», pois bem, esperem um pouco, vou vêr se consigo dar-lhes uma noticia sensacional.*

E entrei no quarto onde estava Anastay.

— «Escute Anastay,» disse lhe eu, até ao momento presente ainda o não pilhei em

«mentira nas questões de detalhe. O sr. afirma não ter assassinado a baroneza, eu

«sou d'opinião totalmente oposta: quanto ao resto, repito, estâmos d.acôrdo. Bem!

«Vou pedir-lhe um esclarecimento; da sua resposta depende o seu futuro, porque,

«juro-lhe, o caso tem importancia capital a seu favor ou contra si! de resto, dou a

«minha palavra d'honra que lhe não estou armando um laço!

— «Queira falar, sr. Goron, prometo responder com a maxima franquesa!

— «Pois bem, a que horas entrou o sr. em casa de M.^{me} L. D..., em a noite do crime?»

— «Cinco menos um quarto», respondeu Anastay sem hesitar.

Do meu peito saiu um involuntario suspiro de satisfação,

— «Ficâmos pois entendidos,» continuei, «foi ás cinco horas menos um quarto que o

«Sr. entrou em casa daquella Sr... Estâ bem certo disso?... Afirma que a sua entrada se deu a essa hora, sêjam quaes fo-

«rem as consequencias da sua declaração?»

— «Duvida alguma tenho nisso!»

(Continúa)

PRECEIRA

Meu descuidoso e alegre pensamento
A' tristeza cedeu quando vos vi!
Conquistaste, Senhora, o colibri
Que esvoaçou sempre á mercê do vento!

Essa alegria, o meu contentamento,
Desfez-se e apprehensivo me senti;
Toda a tristeza de que outr'ora ri
E' hoje o meu tyranno sofrimento.

O que será, pergunto, a que obedece
Tal transição tão grande e repentina,
Porque a minh'alma assim tanto entristece?

Oh! Vós, que tendes tanto de divina,
Senhora, se o sabeis, ouvi a prece,
Mandae-me allivio á minha pobre sina!

(Inedito)

VICTORINO SILVA.

As nossas criticas de theatro

Por motivo de saude deixou de escrever a secção *Da Geral* o nosso bom amigo e apreciado critico *Romanol*.

Para o substituir escolhemos o nosso velho camarada e condiscipulo Mario Lage, que muito nos honrou accetando aquelle espinhoso cargo. Mario Lage é um conhecedor profundo de coisas theatraes e um ferrovoso apostolo do resurgimento da arte em Portugal, que, digamos de passagem, entrou na agonia e se contorce á beira do abysmo que lhe cavaram, entre muitas outras coisas, o mercantilismo, a depravação e a falta d'originalidade.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para a nossa secção *Arte de theatro*, encetada hoje, onde Mario Lage se propõe dar publicidade a uma longa serie d'artigos cheios de technica e interesse.

Boite do Calvario

Não se perdeu teu sangue generoso...
A. DO QUENTAL

Quando Elle, enfim, surgiu ao cimo da collina livido, ensanguentado, a tunica em pedaços deixando a descoberto o peito e os membros lassoos, aquella apparição, ineffavel, divina,

um raio de ideal luz, tombando dos Espaços, veio aureolar-lhe a fronte augusta e perigrina...

E quando já depois, na cruz abrindo os braços expirou... essa luz desceu sobre a campina,

e veio pela noute alem, mundos em fóra, aos homens annunciando uma mais viva Aurora feita de Amor e Paz, Doçura e Caridade...

Fez-se incendio essa luz dando horizontes novos; e ao formidavel sopro indomito dos povos explodiu; fez-se Sol, chamou-se — Liberdade!

J. REGALLA

ARTE DE TEATRO

LIBERDADE, peça em 3 actos original catalão, de Santiago Rusignòl, traduzida por Marçal Vaz. T. Príncipe Real, Terça-feira, 18.

E' sempre agradável a quem rabisca em jornaes ou revistas, notar o aparecimento duma peça que nos impressione não só pelo sentimento, como pela razão. O teatro de idéas, impõe-se em qualquer parte onde encontre interpretes á altura da sua compreensão filosofica, caso contrario, o espectador aue sem ter a mais leve noção de que o auctor propaga a redempção humana.

Santiago Rusignòl, pertence á trilogia dos dramaturgos catalães que, atravessando fronteiras, fazem brécha nos meios literarios onde a arte se manifesta só pelo prazer de artistar. Igrejas e Guimera completam-na com a audacia natural em quem rompe com preconceitos preestabelecidos por uma moral de que o espirito religioso é base.

O *Místico*, encantadora peça de Rusignòl, basta para mostrar quanto espirito de justiça encerram as suas obras. *Liberdade*, peça mais antiga, não foge ao móbil a que o auctor se impoz; utilisar-se do palco para a propaganda da verdade.

Pois foi esta ultima que o sr. Marçal Vaz traduziu livremente, levando a sua liberdade a entrar no campo filosofico de Rusignòl, obscurecendo lhe as intenções, não com fim propositado, mas por absoluto desconhecimento da psicologia geral da peça. Tanto assim é, que a personagem desempenhada pelo actor Avellar em quem o autor definiu o unico revoltado consciente da peça, sabendo que é por via das leis que se commetem as maiores vilanias sempre em detrimento do mais fraco, individuo perfeitamente caracterizado como pensador grave e ponderoso, ao ser vertido para português, o sr. Marçal Vaz ignorando-lhe a idiosincrasia, põe-lhe na bocca uma phrase que lhe não está no temperamento, nem no cerebro: -- «E não haver uma lei que castigue estes assassinos» (Falla com que fecha o 1.º acto.)

O Sr. Marçal Vaz não devia de fazê-lo, tanto mais que nessa figura desde o principio da peça se mostra tal qual é a sua maneira de pensar. Nunca esse homem poderia ter o espirito de legislador — procurar remediar com uma lei um mal que é organico.

As peças modernas de intuitos, são sempre d'uma grande dificuldade para traduzir, porque obedecem a novas maneiras de artistar. Quase têm de ser á letra, pbr isso mesmo. Nunca se devem submeter a tradução livre, que sempre o traductor mete bedelho, estragando por vezes a linha geral da peça. Se o traductor não pensar como o auctor traduzido, ainda peor. Por mais escrupuloso que seja hade, como conservador, cortar as arestas onde julgue haver saliencias, que afinal são simplesmente as revoltas d'um teatro novo. Foi o que aconteceu á *Liberdade*, que teve a má sorte de ser traduzida livremente, como se o sr. Marçal Vaz tivesse a competencia de o fazer. Adeante.

No proximo numero falarêmos mais detidamente da peça, fins a que visa, da interpretação e encenação que teve, provando que não é nada d'aquillo. Inauguraremos

assim esta nova secção em que as coisas de teatro serão vistas com o criterio que nos dá o desejo de acertar. Outros artigos se seguirão, mesmo que não hajam primeiras representações.

MARIO LAGE.

Rubra Digitalis

Tentação de S.º Antonio

— Vae-te visão ou sonho... Ó Venus Aphrodita
De espaduas cõr da neve e pubis de carvão!
O luxuria da carne! O ignea Sulamita,
Que és a raiz do Mal e a maçã — tentação.

— Deixa-me só... Faz frio! ... e eu quero
me esquecer
Dos gozos mundiaes, e até de mim tambem..
Quero ungir-me de Deus — o mais perfeito
Sér —

Deixa-me em paz mulher immensamente bella,
Meu corpinho gentil, virgem de beijos meus...
E por quem minha carne abrasa e se flagella...

Tudo isto é transitorio, ó illusão primeira...
Por isso espera e cre... Hei-de pedir a Deus
Para noivar, no ceu, contigo, já caveira!

BORDADOS E RENDAS



CEO BEÇA.

Prejura

Tu disseste-me um dia, olhos fitos nos olhos,
As minhas mãos nas tuas, lisas como a prata:
— Se me faltasse o teu Amôr que me arrebatava

E eu ficasse perdida, e só, entre os abrochos,

Morreria de dôr, de tedio, enraivecida;
Zombaria de Deus, dos altos Céus, do Inferno!

(Eras tão bella assim, tremente, esmaecida,
Quando tu me juraste aquelle amôr eterno!...)

Mas vê lá tu mulher, linda mulher prejura,
Hoje, que o teu amôr morreu para os meus dias,
Eu só zombo de mim, da minha desventura:

Cuidados não nos tenho — e amargos sei
dos teus...

E eu que nunca jurei! na paz, sem alegrias,
Sei amar-te da sombra e não maldigo Deus;

ASTRIGILDO CHAVES.



A Amizade

Ao querido amigo e collega Dr. Anacleto d'Oliveira.

E' a amizade um sentimento que firmando raizes poderosas no coração d'elle se não affasta nem pela morte!...

Filha do altruismo da alma ou do seu egoismo, do amôr do proximo ou do amôr proprio, da necessidade ou do desinteresse, só ella tem o doce privilegio de tranquillisar a alma afflicta, valer ao infortunio, esmaltar a existencia das mais puras e innocentes alegrias!...

E' a amizade o sentimento delicado sereno e terno.

E' para o amôr, o que o deslizar macio do arroyo crystallino, é para o Oceano.

E' o amôr desbravado de todos os escolhos e precipicios.

E' a flôr eterna que adreja sempre branca por sobre todas as ruinas da alma, por sobre todas as chagas do coração...

Tem do amôr o perfume, mas exclue, na sua pureza, todo o amargôr da paixão.

E' o sentimento por excellencia, é a vibração mais transcendente da alma, é a irmã gêmea da virtude, é o alimento do espirito, é o tonico do coração...

Ter um amigo é possuir o precioso filão de todas as joias; é sentir n'alma um outro eu a seguir-nos amora-

velmente a existencia, a esclarecer-nos o raciocinio, a fortificar-nos a energia, a resolver-nos a vontade, a adoçar-nos a bondade — a perfectibilidade maxima da alma humana!

Perdeste o amigo querido, a testemunha bondosa mas implacavel do teu espirito?...

Ai de ti que a sós com a tua consciencia, mal poderás conservar-te erguido á altura da tua personalidade.

Com elle, foi-se a tua alma, afundou-se o teu ser moral. aniquilou-se a tua energia, esmoreceu o tua vontade, quebrou-se o limpido crystal onde os teus actos soffriam a reflexão, o crystal onde depuravas as tuas faltas e sublimavas as tuas virtudes!

Fevereiro 908.

JORGE CALLADO.

Pensamentos chinezes

Se todos fossem capazes de sentir o prazer que ha em dar esmolas, não haveria ricos.

— O homem é o peor animal da criação.

NO SUL D'AFRICA

NOTAS DA CAMPANHA DE 1907

PELO ALFÉRES

José Augusto de Mello Vieira

V

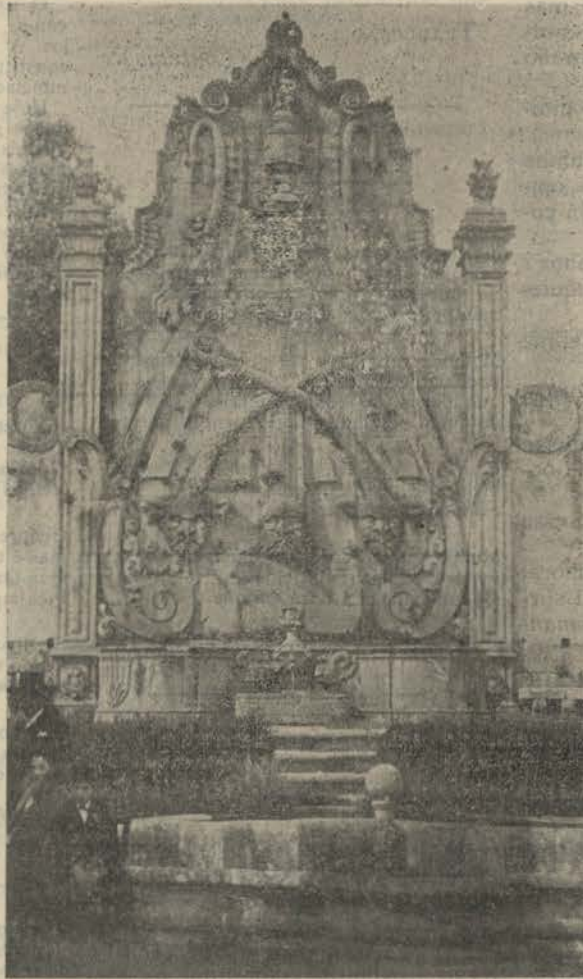
O dia seguinte passou-se sem novidade. Em 6, embora tivesse havido ordem de vespera para sairmos de madrugada n'uma reconhecimento, tudo continuou como d'antes. A ansiedade pelo comboio essa é que ia crescendo cada vez mais. A' tarde d'esse dia um boer, creio eu, espalhou entre a soldadesca que o comboio certamente seria atacado pois que o inimigo se encontrava concentrado no Mufilo. A ordem determinou, como que a corroborar os ditos do auxiliar, que a columna estivesse, livre do impedimento que ficaria á guarda do posto do Aucongo, prompta a marchar ás 4 horas e meia da madrugada seguinte. Em 7, ás 5 horas, iniciava-se a marcha em direcção ao Forte Roçadas visto que a columna ia ao encontro do comboio para o proteger até ao bivaque. A marcha fez-se com todas as precauções de segurança e no meio do mais profundo silencio. Vinha rompendo o sol quando chegámos á chana de Mufilo. Que de recordações. Na enormidade d'aquella planicie lá estava desenhado como em gigantesca ardosia o quadrado do 27, aqui e ali um barril abandonado, além um cavallo morto em torno do qual adejavam os abutres ainda não satisfeitos de tão largo repasto, acolá um esqueleto quasi comido pelas feras e no meio de tudo isto tendo por moldura o cercado das trincheiras dos soldados os valentes soldados do Macuvi, a sepultura dos nossos queridos mortos o primeiro glorioso padrão dos nossos domínios nas terras do Ovampo. Simples campa raza pisada pelo rodado dos comboios para assim ficar mais disfarçado aos prováveis saqueadores dos nossos adversarios. Estou certo que desde o commandante ao mais humilde dos soldados niagueu deixou de sentir uma funda commoção mixto de dôr e de alegria ao pisar novamente n'aquella inesperada visita o local do nosso primeiro encontro com o gentio, o local do baptismo de fogo de quasi todos.

A columna internou-se na matta de Lilaombe onde esperou o comboio que começou a concentrar-se ás 8 e meia chegando a columna de regresso ao Aucongo ás 11 horas. Era curioso vêr a maneira como os carreiros pretos, no

geral bastante medrosos, agitavam doadamente no ar o chicote fazendo-o estrear e gritavam com verdadeiro entusiasmo como se sentindo-se senhores do terreno quizessem com os seus berros fazer sentir aos cuamatás que a posse das suas terras começava a tornar-se efectiva.

Na rectaguarda do comboio o telegraphista Freitas vinha estendendo o fio telegraphico que nos ligaria ao resto do Mundo. A escolta do comboio acompanhou a columna.

Portugal pittoresco



(VILLA B. BAIXA) — Chafariz do Ex.^{mo} Sr. Francisco Saraiva Lobo

Photographia do Ex.^{mo} Sr. Clemente José Gomes

N'esta escolta o commandante da artilharia foi confiado ao tenente Mira Saraiva, que espontaneamente no primeiro comboio e em vista d'ordem superior no segundo dirigiu com grande interesse a instrucção da peça Hatkiss que o receio d'um ataque e a presidencia d'alguem fez com que viesse do Humbe onde nada fazia.

No dia 8 partiu para o Forte Roçadas um novo comboio que regressou ao Aucongo em 10. A viagem fez-se sem novidade absolutamente nenhuma.

No dia 11 a columna, deixando o posto confiado á guarda da sua guarnição que já citámos, largou do Aucongo pelas 6 horas da manhã. A

marcha fez-se com um socego quasi completo muito embóra o inimigo se fartasse de bater *clia* (o seu grito de guerra) e ao entrar a columna n'uma chana entendesse que lhe devia fazer tres tiros.

A's 10 horas da manhã bivacámos em Chámuinde. A agua era pouquissima, as cacimbas quasi não rendiam nada, a qualidade pessima d'aspecto e de gôsto mas emfim tudo era preferível ao enervamento que a prolongada vida de estacionamento no Aucongo começava a provocar-nos. O desejo de ir á embála, que no dizer pittoresco dos soldados andava ás costas do sóba como a casa do caracol, era cada vez maior e as privações por maiores que fossem não nos atemorizavam porque andavamos e na campanha para todos o movimento é a vida.

Pelas 5 e meia da tarde o inimigo veio fazer nos uns tiros a que não respondemos. A artilharia incendiou varias libatas.

A marcha não proseguia no dia seguinte pois esperavamos ser atacados ali e bom seria que viessem os negros pois já tinhamos ancia de os tornarmos a vêr. Esperámos debalde. A 13 proseguiu a marcha.

(Continúa).

CLARISSE

(Continuação)

IV

Errámos pelo caes, no meio das bagagens dispersas pelo chão. Muitos viajantes esperavam como nós, assim como os curiosos que a partida tinha attrahido, quando a menina de Gavre, que sem duvida havia notado um gesto do major, disse-me com alguma hesitação:

— Não desejo ve-lo privado por minha causa do prazer que lhe offerecem.

O meu primeiro movimento foi responder-lhe a verdade, isto é que todos os charutos do mundo não substituiriam a agradável pressão da sua pequenina mão sobre o meu braço e a satisfação orgulhosa com que me enobrecia a sua belleza aos olhos de alguns rapazes que, sob o pretexto de passearem, rodavam constantemente em torno d'ella; mas, receando importunar a bella creanca, preferi fingir de victima e respondi com alguma amargura:

E' uma maneira delicada de se ver livre de mim, minha senhora? Terei sido demasiadamente presum-

coso esperando que accitaria a minha boa vontade, ao menos como compensação da negligencia com que meu primo cumpre a missão de que teve a felicidade de ser encarregado junto de v. ex.^a?

— Pode pensar em tal?! exclamou ella com gesto de graciosa impaciencia. Depois de haver-me concedido todas as virtudes, sem me conhecer, não poderia empregar melhor o tempo que temos passado juntos do que suppor-me indifferente ás attentões de que tenho sido alvo e, sobretudo, o mostrar-me que não sou tão imbecil que o deixasse transparecer, se fosse verdade o que diz?

— Deus me livre d'esses odiosos pensamentos, tornei eu sorrindo, mas cedemos contra vontade a certas prevenções e os pobres artistas teem tão má reputação.

— Que é, talvez, falsa como muitas outras.

— Deixe-me agradecer-lhe, minha senhora, em seu nome e no meu, opinião tão lisongeira, que afinal já conhecia.

— E d'onde a conhecia, senhor? perguntou Clarisse com olhar inquieto.

— Tinha-a adivinhado, apressei-me em responder.

— E realmente de maravilhosa e inquietadora perspicacia,

— E verdade; mas que importa isso áquelles que nada teem que occultar.

— Está bem certo de que é esse o meu caso?

— Sei pelo menos, minha senhora, que seria difficil intimidá-la, ou surprehendê-la, com *phrases de romances e figuras de tragedia*.

Clarisse sorriu primeiro mas recordando-se das circumstancias em que na vespera tinham sido pronunciadas estas palavras, perguntou-me com anciedade:

— Mas, ouviu então as palavras que acaba de repetir?

— Para que o occultaria, minha senhora, se unicamente o acaso fez com que as surprehendesse.

— Mas então, tornou ella impressionada com uma recordação mais pessoal, esse projecto de quadro, de que ha pouco me fallava, era uma cilada?

— Era simplesmente um rodeio.

— Odioso! Não é bastante ter sido indiscreto, involuntariamente, quero admittir-lo, procurando sem piedade conhecer o segredo d'uma dor que não lhe haviam confiado?

— Tinha emperho unicamente em certificar-me que essa dor não era causada pelo amor.

— E o que ha de interessante em saber se a primeira mulher que se encontra ama ou não ama?

— O que, minha senhora, o que ha de interessante? Mas uma mulher que ama não é uma flor preciosa... por detraz dos vidros d'uma estufa; uma ave rara na gaiola; um fructo vermelho... n'un jardim inacessi-

vel? Tudo cousas que tem valor, perfume, harmonia, apenas para aquelle que os possui. Não é natural que se prefira a flor dos campos, a amora da silva e a ave do ceo, que pertencem de direito á mão ousada que d'ellas se apodera?

Apesar da gravidade e até da tristeza com que se apresentára na ultima parte da nossa conversação, a menina de Gavre não pôde deixar de sorrir ouvindo esta comparação campestre que havia feito intencionalmente tão directa quanto possível. No entanto não comprehendí n'aquelle momento a secreta amargura que accentuava a sua ironia quando respondeu ás minhas palavras:

TRADUÇÃO

(Continúa).

Talvez...

Talvez que a estes versos tu sorris
de achal-os sem sabôr, sem ter bellêza.
Se soubesses porém quanta tristeza
meu peito vem soffrendo, ha longos dias!...

Melhor's versos, de certo, tu mer'cias;
podes no entanto crêr, ter a certeza
que n'elles vae a alma inteira presa
de quem desdenhas hoje, e antes qu'rias

E rirás, é possível, desdenhosa,
e calcarás aos pés, sem caridade
esta alma, que antes, era venturosa.

Mulher sem coração, em quem eu cri
maldigo a tua fria crueldade.
Que malfadada a hora em que te vi!

H. A. B.

A nossa Estante

Do paiz da Luz — *Livro de communicações espiritas obtidas por Fernando de Lacerda.*

Por não termos concluido a leitura d'este livro interessante, que ha poucos dias appareceu á venda, só no proximo numero daremos as nossas impressões.

Madrigal

Quando toda de branco, á hora do sol posto
Na luz crepuscular d'uma tarde d'agosto,
Solto o cabelo d'oiro, em extasi de amor,
Vaes pallida, a travez do teu jardim em flor
Para fitar, beijar teu seio alabastrino
Vesper abre no azul o seu olhar divino,
Mavioso o rouxinol gorgoeja na espessura
Julgando vêr da lua a face argentina e pura
E a cotovia acorda e diz alvorçada:
— Cantemos! que além vem rompendo a
madrugada!

GUERRA JUNQUEIRO.

CURIOSIDADES

Anéis. — O uso dos anéis é antiquissimo. Os egypcios passam por ser os primeiros que os trouxeram. Os hebreus tambem os conheceram; depois d'elles, usaram-nos os romanos e entré estes o que primeiro fez uso d'este adorno foi Scauro, genro do famigerado Sylla.

Ao principio não usaram os romanos senão um unico anel; depois, um em cada dedo e por fim um em cada phalange dos dedos. Assim o diz Marcial n'um dos seus epigrammas.

Pouco a pouco o luxo augmentou e havia aneis para cada semana, como os havia para cada estação do anno. Sampridio diz-nos que ninguem levou o luxo tão longe a este respeito como Heliogabalo, que nunca poz duas vezes o mesmo anel, como nunca duas vezes calçou os mesmos sapatos.

O uso dos aneis como adorno conservou-se e desenvolveu-se a travez dos seculos. A troca do chamado anel d'alliança constitue uma formalidade dos contractos nupciaes.

Hoje raras pessoas deixam de trazer nos dedos esse adorno, variando no numero e qualidade, desde o opulento anel de brilhantes até ao simples anel de coralina ou pichesbeque.

Esses adornos nas mãos, como os brincos nas orelhas e as pulseiras, são muito usados nas tribus selvagens e certamente d'ali foram importados para os povos civilizados.

Soneto

No vasto emporio da linguagem busco
Termo capaz de desenhar teu porte;
Oppressa a mente, sem achar um norte,
Velhos in-folios a estuar rebusco.

Occore-me chamar-te — vaso etrusco, —
Mas é tão pobre e é tão pouco forte
Que temo ser mesquinho e, d'esta sorte,
Fica-me o verso froixo e sempre offusco.

Se digo estrella, é termo tão vulgar
Como seria se dissesse — rosa —
— Thesoiro, — joia — ou pallido luar; —

Mas como não me acode mais ditosa
Phrase, esta vou, medroso, aventurar;
— Tu és sómente a minha casta esposa! —

(Inédito)

VICTORINO SILVA.

Um doente internado no Hospital de Rilhalfolles pede-nos a publicação dos seguintes versos:

Ao anniversario natalicio da minha filhinha Eugenia.

16-2-908

Mote

Que é hoje o mais necessario,
Pois m'o pede o coração.

Glosa

Mesmo co'o juizo vario,
Vou em verso fllicitar-te,
P'ra co'a surpresa alegrar-te,
Que é hoje o mais necessario.
Em tão chic semanario,
Faz o teu nome um vistão,
Ficando eu co'o galardão
De te dar no «Azulejos»
Mil parabens e mil beijos,
Pois m'o pede o coração.

Rilhalfolles

MALUCO-MÓR.

Muito gostosamente lhe fazemos a vontade e enviamos a sua filhinha, as nossas cordiaes felicitações.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consulente: — Pedro F.

Peixes e Saturno: mau signo e pessima astralidade. Ameaça constante de perigos imprevistos, catástrofes, ruínas, calunias, traições etc, etc.

Não se assuste; ha meio de conjurar tão grande copia de males.

Basta a sua força de vontade para conjurar esses perigos. Lembre-se que disse apenas *ameaça* e não *certeza*.

Sêja *bom* na mais lacta acepção da palavra.

A todas as más tentações que o espicacem, e serão muitas, oppôna sempre duas virtudes que o salvarão:

A Piedade!

A Misericórdia!

Pêla primeira aproximar-se-ha de Deus!

Da segunda obterá a supremacia que entre os homens é concedida pêla consciencia da honestidade.

Estas duas virtudes sublimadas n'um crisol superior áquele onde refervem em geral as paixões humanas, são escudos admiraveis contra as flêchas envenenadas da tentação que incessantemente nos alvêja.

Sêja pois: bom, honesto e clemente, piedoso, probo, misericordioso e verá partirem-se d'encontro á coiraca radiante das suas bêlas qualidades, os duros aneis do sombrio planêta do Mal!

De resto, coisas certas do seu futuro, quasi tôdo dependente do seu modo de procedêr, poucas lhe poderei predizêr. Ahi vae o que se poude arranjar:

Será mais feliz fóra de sua casa que dentro d'êla!

Será pae d'alguns filhos!

Aos vinte e dois annos haverá uma grande transformação na sua vida!

Se casar com uma viuva, e é o mais certo, sua espôsa morrerá aos quarenta annos!

Vou quase jurar-lhe que casa duas vêzes!

Deve combatêr a sua tendencia natural para a timidez!

Consolente: — Antonio G. M.

O sr. é dos que não-de sabêr levar a agua ao seu moinho como ninguém! O seu character afavel e doce, a sua bonhomia, talvez mais aparente do que real, dar-lhe-hão a consideração e a protecção dos superiores e o amor dos inferiores.

Tem pouco dinheiro agora; que importa? O sr. é dos que encontram sempre uma escada solida para subir!

Sabe o que o pôde prejudicar um pouco? O amor entranhado que tem ás idéas filosoficas. Estou d'aquí a

lêr-lhe essa tolice no cerebro! Um faisão doirado, recheado de trufas é muito melhor petisco que um prato de filosofia com batatas.

Deixe-se d'isso! O Antoninho tem boas unhas e deve aproveitá-las para dedilhar peças dificeis na guitarra da vida.

O sr. é um vencedôr, sôb condição, já se vê, de ir á guerra!

Posso dar-lhe a certeza que as suas pouco satisfatorias condições financeiras actuaes mudarão. Será rico!

Vêjo numa entrelinha da pagina do livro do Destino que lhe diz respeito, que faleceu ha pouco uma pessoa, sua proxima parente, o que lhe causou grande e profundo desgosto.

Digo-lhe isto para provar-lhe que sou um verdadeiro adivinho e não um charlatão vulgar.

Alegre-se homem, o sr. têve Jupiter por padrinho!

Nem todos podem dizêr o mesmo!

G. C.



As cartas dos consulentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA, e satisfazer aos seguintes requisitos:

— «Nome de batismo; iniciaes dos sôbrenômes e apelidos.»

— «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»

— «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»

— «Altura aproximada, estado de magrêza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquêrda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feitiço do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»

— «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»

— «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»

— «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel?»

— «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»

— «Tem tendencia para a violencia, para o despotismo?»

— «E' cabeludo ou glabro?»

— Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o côrpo?

— Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?

— «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costuma-lhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»

— «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»

— «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»

— «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»

Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.

Cumulos

Da voracidade — Comer o pão que o diabo amassou.

Cortar o callo da paciencia.

Coser uma bebedeira a pontos naturais.

Atar um feixe de luz.

Tirar a prova ás contas d'um rozario.

Semana Alegre

Ha passando, caminho do cemiterio, um enterro acompanhado de muitos convidadôes.

Um individuo que o encontrou, acercou-se d'um amigo que ia no acompanhamento:

— Quem é, perguntou-lhe.

— Quem? o morto?

— Sim.

— E' o que vae no caixão.

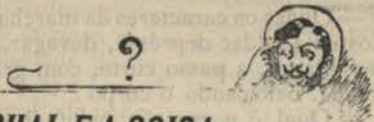
VARIEDADES

Compota de cerejas. — As cerejas a que se deixa apenas uma pequena parte do pé, são fervedas ligeiramente em meio copo de agua e 125 grammas de assucar; depois collocadas na compoteira e immergidas no xarope que se deve lançar rapidamente sobre as cerejas. A compota serve-se fria.

POSTA RESTANTE

Emelinda D. M. — Basta enviar carta para esta redacção. E' gratuito.

Um Atheu. — A sua ideia é aceitavel e podia até fazer-nos o favor de se encarregar d'essa secção... Era oiro sobre azul.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

**O CONCURSO DA 2.ª SERIE
Premio-UM TINTEIRO DE PRATA**

Condições do Concurso

1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 2.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
2.ª—Enviar-nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção *Qual é a coisa qual é ella*, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.
As decifrações podem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

DOIS NOVOS PREMIOS

Em virtude do grande numero de decifradoures resolvemos conceder como premios alem do **Tinteiro de prata, as duas 1.ª Series do Azulejos encadernadas em percalina e uma assignatura gratis da 3.ª Serie**, que serão entregues aos dois decifradoures que ficarem classificados em 2.ª e 3.ª logares.

Lista dos decifradoures

**DOM
N.ºs 19, 20 e 21**

Apollo-N.º 19, 8—Rei dos Doidos-N.º 21, 6
—Giliosa-N.º 20, 5-N.º 21, 8—(13)—Litras-N.º 19, 8-N.º 20, 10-N.º 21, 12 (30)—Luiç Ceia-N.º 19, 4-N.º 20, 1-N.º 21, 2—(7)—Bailio-N.º 19, 11-N.º 20, 10-N.º 21, 10—(31)—Sado-N.º 19, 10-N.º 20, 9-N.º 21, 9—(28)—Tira Mitras & C.ª-N.º 19, 5-N.º 20, 4-N.º 21, 6 (15)
—Almeida Cyrne-N.º 19, 6-N.º 20, 5 (11)—Sombrio-N.º 19, 9-N.º 20, 9-N.º 21, 11—(29)
—Galucho audacioso-N.º 19, 10-N.º 20, 6-N.º 21, 11—(27)—Polar-N.º 19, 7-N.º 20, 8-N.º 21, 7—(22)—R. Passos-N.º 19, 6-N.º 20, 7-N.º 21, 8—(21)—Fernandes Sousa-N.º 19, 4-N.º 20, 5-N.º 21, 4 (13)—T. Maia Mendes-N.º 19, 5-N.º 20, 5-N.º 21, 7—(17)—Açnarepse-N.º 19, 9-N.º 20, 7-N.º 21, 12 (28)—Celeste-N.º 19, 9-N.º 20, 10-N.º 21, 12—(31).

Duas listas enviadas do Porto sem assignatura nem morada-N.º 20, 7-N.º 21, 8 (15).
Outra lista em identicas condições-N.º 19, 13.

Fóra de Concurso — Giliosa-N.º 19, 3.

Nota—Os auctoures das listas não assignadas devem provar-nos por meio das suas respectivas letras, que realmente são os decifradoures.

No numero 19, por ter saído errada, foi cortada a todos os decifradoures a charada cuja solução era *desprezo*, visto ter sido publicada depois no numero 20.

Logogriphos

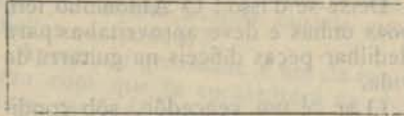
Um certo dia, em passeio,
Por um bosque mui cerrado
Vi uma ave á meu lado, 1-9-3-4-10-11-4-3-4
Que me fez muito receio.

Porque a ave era tão forte, 11-2-10-11-5
Tinha tão feroz aspecto,
Que receei, qual insecto, 10-4-11-12-5
Em tal bico ter a morte.

Fiquei de medo transido,
N'uma arvore me occultei, 6-7-3-11-2-8 12
E quando em casa me achei,
Julgava-me inda perdido.

Jurei n'outra não cair
De em tal bosque me metter,
Pois se a ave torno a ver
Não páro mais de fugir.

J. L. P. F.

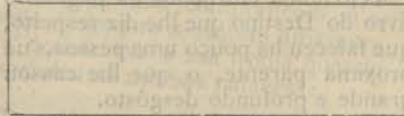


Rapido

1, 2, 3, 4, 5, 6 7, 8, 9, 10, 11, 12
Homem Culto Culto

Culto

LITRAS



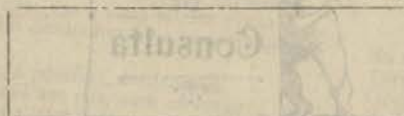
Charadas

Um sujeito meu amigo,
E um tanto aperaltado,
Affirmou-me qu' esta planta
Dá um fructo acastanhado-2.

Accrescentando em segredo:
«Tenho aqui bello presunto,
Muito boa marmellada
E metade d'um assumpto-2.

Que vae dar-lhe que fazer,
Se lhe mostrar entre mil,
Que, o meu todo é conhecido,
Como planta do Brazil.»

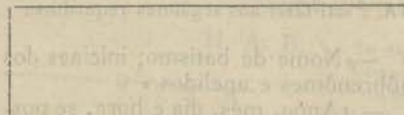
J. P.



Novissima

No corpo e nas paredes vejo este animal
-2-1.

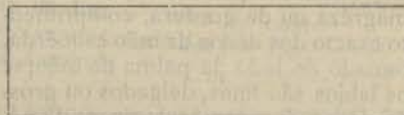
TIRA MITRAS & C.ª



Electricas

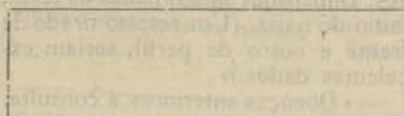
Por ser hoje dia de descanso a multidão
vae toda para o rio-2.

APOLLO



O perfume dá um fructo silvestre-3.

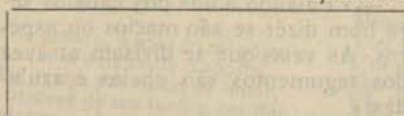
PINGOLINHAS



Dupla

A memoria é d' esta mulher-4.

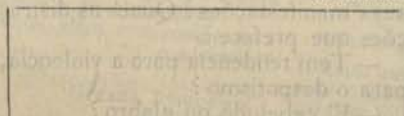
AÇNAREPSE



Truncada

O fructo de 1908-2.

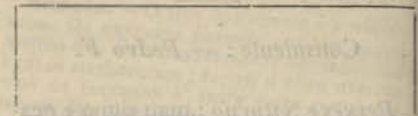
CHAMPION



Augmentativa

D' esta arvore extrahi uma bebida-3.

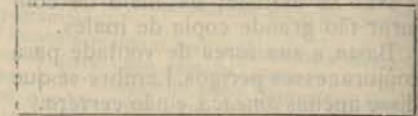
F. DA M.



Egualdade

A planta é sempre noiva-4.

(J. L. C.) SADO



Reduzida

Fria-3
—gi—
Mulher-2

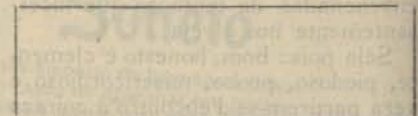
LITRAS



Enygmas

Se entre treze collocar
Onze, déz ou um até,
Certamente hade encontrar
Desastres que se não matam
Nunca podem agradar.

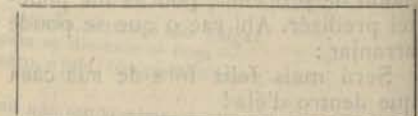
R. PASSOS



Por iniciaes

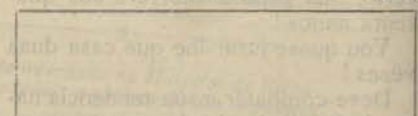
O E C M Q A P
I 3 3 I I I 3

J. P.

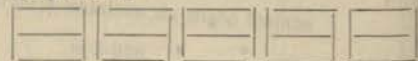


V S A M S C
2 1 3 2 1 3

J. P.

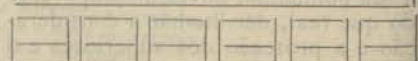
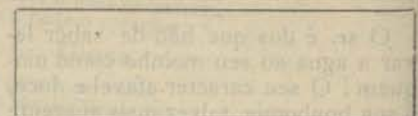


De palitos



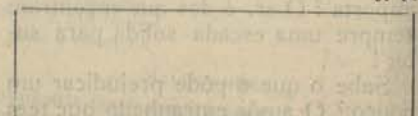
Tirando 10 palitos fica um liquido fetido

J. P.



Tirando 14 palitos fica uma planta.

J. P.



Artigos a decifrar, 16

ATENÇÃO

Vamos iniciar no **Azulejos** uma secção de annuncios de compra e venda de gado cavallar e muar, inteiramente nova no paiz e que nos parece de toda a vantagem para o Sport Hyppico.

O vendedor virá a esta redacção, onde por modico preço, obterá uma senha que lhe dá direito a quatro annuncios e a apresentar-se no picadeiro do Ex.^{mo} Sr. João Gagliardi, R. D. Pedro V, 70, afim de lhe ser resenhado o respectivo cavallo, resenha que será publicada e pela qual o comprador saberá a altura, ferro, cor, raça e mais condicções do animal á venda.

Este jornal não recebe commissão alguma de venda ou compra.

Julgamos por esta forma preencher uma lacuna que pode ser util, visto como sómente pelo annuncio o comprador ficará sabendo se o animal á venda satisfaz aos requisitos que deseja.

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

(CONTINUAÇÃO)

DEVANEIOS

VALSA

Céo Beça

The musical score is written for piano and consists of eight systems of music. The first system begins with a forte (*ff*) dynamic. The second system includes a piano (*pp*) dynamic. The third system also features a piano (*pp*) dynamic. The fourth system is marked with a forte (*ff*) dynamic and includes a trill. The fifth system contains first and second endings, a Coda section, and a dynamic marking of *pp*. The sixth system includes a piano (*p*) dynamic and a crescendo (*cresc.*) marking. The seventh system features a piano (*p*) dynamic and a trill. The eighth system includes a forte (*ff*) dynamic, a tremulando marking, and a sica marking.

NO PROXIMO NUMERO:
AVÉ MARIA por FERNANDES JORGE